

# SAÚDE PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS NA RME (REDE MUNICIPAL DE ENSINO) DE BENEVIDES: GT PSIOSSOCIOPEDAGOGICO EM AÇÃO

*Data de aceite: 01/04/2024*

### **Kelly Lene Lopes Calderaro**

Mestre em Saúde Ambiente e Sociedade  
Centro de Formação e Pesquisa de  
Benevides

### **Antonia Roberta Mitre Sampaio**

Doutoranda em Odontopediatria  
São Leopoldo Mandic

### **Rodrigo Batista Balieiro**

Mestre em Epidemiologia e Vigilância em  
Saúde  
Instituto Evandro Chagas

### **Francilene Sodré da Silva**

Mestre em Arte e Educação/UFPA  
Secretaria Municipal de educação de  
Benevides

indivíduos para serem seres humanos autônomos, críticos e capazes de atuar na sociedade para torná-la melhor, para, desta maneira, também melhorar sua qualidade de vida. A ludicidade é elemento fundante na constituição do Eu, e a experimentação lúdica, inclusiva, quando direciona a determinados objetivos, se constitui em um dos aspectos mais importantes, não só no desenvolvimento da criança como também no progresso da ciência. A partir dessa premissa é fundamental evidenciar o ensino as crianças com deficiência que estão neste processo de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Inclusão. Aprendizagem.

## **INTRODUÇÃO**

No contexto atual, o ambiente escolar tornou-se ambíguo e insatisfatório quanto ao processo de ensino-aprendizagem, à relação docente-discente e, principalmente, à produção de conhecimento. Toda a situação de conflito, embates e desconstrução de conceitos presentes na sociedade refletem na escola, pois todo comportamento, valores e a própria cultura, é social. As últimas décadas têm sido uma contraposição ao

**RESUMO:** Na arte do saber, vale a pena todos os desafios que são enfrentados para se ter um aprendizado de excelência. Historicamente, o homem tem se mostrado mais frágil frente à racionalidade tecnológica e administrativa do que há alguns anos perante as instituições tradicionais. Os instrumentos têm importância fundamental na atividade humana, pois pelo trabalho que a ação transformadora do homem sobre a natureza, cria a cultura e a história humana. Teoricamente, a escola tem o papel de formar

autoritarismo, ao conjunto de regras preestabelecidas, culto ao individualismo em detrimento ao coletivo, desestabilizando as relações sociais, criando um conjunto de mundos individuais que subsistem num mesmo espaço, gerando conflitos e tensões vivenciados no chão da escola. Os comportamentos atuais, abrigados na defesa incontestada da liberdade para agir sem limites, sem normas, tornam-se objeto de reflexão de muitos cidadãos. [...] A literatura pode, então, apontar as características da cultura atual, do homem contemporâneo.

Os aspectos mais acentuados que vêm dando tipicidade a esse indivíduo: a) a busca do prazer imediato, b) o descompromisso com o outro, c) a falta de motivação para qualquer tipo de trabalho, d) a ausência de perspectiva para si mesmo, ou a apatia diante de seu futuro, e) a banalização da morte, f) a indisponibilidade para qualquer reflexão (NAGEL, 2015, p. 2).

Segundo Nagel (2015), no discurso e na prática dos indivíduos atuais, “o tempo é dele”, “o espaço é dele”, a “escolha é dele”. Com isso, é difícil, quase impossível perceber a presença, a necessidade, os desejos do outro, vivendo num ostracismo, isolados num mundo conectado, advindo, então, a depressão, o desequilíbrio emocional, a insatisfação constante com seu estado de ser, encontrando na escola, por vezes, o primeiro enfrentamento de limites, as primeiras regras e objetivos em prol de uma coletividade.

Sendo o ambiente escolar, um espaço de partilha e troca de conhecimento e experiência para que ocorra a construção do conhecimento, como lidar com tantas contradições e embates, na busca por uma educação de qualidade? De que forma os professores podem corresponder às expectativas da sociedade em relação ao processo de ensino-aprendizagem, frequentemente cobrados e questionados quanto a sua forma de ensino, que não corresponde às necessidades específicas de cada aluno, sendo responsabilizados, inclusive pelos pais, por não atender seus filhos de forma individualizada? E de que forma conciliar esta situação com a função da escola em formar cidadãos? O que implica em educar para o social, para a coletividade, reconhecendo o homem como um ser social, sendo necessário que o compreendamos como tal, fruto de suas relações sociais, o que engloba família, comunidade, escola.

Para que se possa enfrentar toda a complexidade do ser humano em desenvolvimento, absorvido pela atual conjuntura, necessita-se ampliar o quadro de profissionais da educação. Apresenta-se nesse momento, como contribuição às necessidades do trabalho que precisa ser desenvolvido nas escolas, a Equipe Multiprofissional, composta por Pedagogo, Assistente Social e Psicólogo, que tem como intuito auxiliar no processo de ensino e aprendizagem e promover uma educação de qualidade. Diante do exposto, reconhecemos que a atual estrutura escolar como se apresenta é deficitária, e que a atuação do Psicólogo e do Assistente Social, junto aos demais profissionais da educação e o corpo discente, têm muito a contribuir nesse processo. Respaldação pela Lei Estadual nº 15.075 de 04/05/2006, que autoriza a implantação do Programa de Atendimento Psicopedagógico e social em todas as unidades escolares que integram a Rede de Ensino Público e por meio de estudo bibliográfico, buscou-se embasamento teórico para a compreensão da atuação desses profissionais na escola, além de justificativas

e possibilidades para a implantação da Equipe Multidisciplinar (aqui denominada de Equipe Multiprofissional) no Colégio Estadual Vinícius de Moraes, em Campo Mourão. Diante disso, por meio de parceria com as IES da cidade, Psicólogos e Assistentes Sociais estão atuando junto à escola, buscando contribuir com a realidade da mesma tal qual como prevê a lei citada (PARANÁ, 2006).

O Grupo Técnico Psicossocial Inclusivo está estabelecido na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), sendo integrante do Núcleo Político Pedagógico (NUPP), é composto por uma Psicóloga, uma Assistente Social, e uma Neuropsicopedagogia. Atuando diretamente no levantamento de dados estatísticos das escolas que possuem alunos com algum tipo de deficiência e/ou demanda psicossocial, a fim de mapear as necessidades da Rede Municipal de Educação. Possibilitando a formulação de estratégias, subsidiando-as para acolhimento, melhor convivência e desenvolvimento do trabalho pedagógico. As atividades do GT Psicossociopedagógico foram desenvolvidas no ano de 2021, na cidade de Benevides, especificamente, com professores, alunos e familiares da Rede Municipal de Educação de Benevides, Pará.

Demonstrar a atuação do Grupo Técnico de Trabalho que é fazer com que de fato a inclusão aconteça, mesmo diante do cenário de pandemia do Coronavírus, de acordo com necessidades específicas, suas histórias, seus familiares, professores e estabelecer a conexão entre os atores envolvidos no processo.

A escola, como um dos principais equipamentos sociais, tem sido desafiada cotidianamente em articular o conhecimento que é trabalhado no contexto escolar com a realidade social do aluno, ou seja, seus problemas e necessidades sociais. Neste sentido, se torna essencial e fundamental que a escola comece a conhecer a realidade social dos seus alunos, podendo também encurtar a distância que a separa do universo familiar. Para que a escola possa desempenhar o seu papel político, ela deve desenvolver o senso crítico do aluno, precisando estar em sintonia não só com a realidade do aluno, como também com a realidade da comunidade na qual ela se encontra inserida. Deve, assim, respeitar a realidade social, cultural e econômica dos seus alunos e, partindo dela, a iniciativa de propiciar a participação da família no processo sócio pedagógico da escola.

Desta maneira, a inserção do Serviço Social na escola, deve contribuir para com ações que tornem a educação como uma prática de inclusão social, de formação da cidadania e emancipação dos sujeitos sociais. Ambos, tanto a escola como o Serviço Social, trabalham diretamente com a educação, com a consciência, com a oportunidade de possibilitar as pessoas que se tornem conscientes e sujeitas de sua própria história.

## **METODOLOGIA**

O local da pesquisa é o município de Benevides/PA que está situado na região metropolitana de Belém no Estado do Pará, possui uma área de 187.868 km<sup>2</sup> com uma população estimada em 2019, de 70.000 habitantes. Grande parte de seu território é considerado rural. Apesar disso, de acordo com dados do IBGE (2010) 56% (28.912) das pessoas residem na área urbana e 44% (22.739) na área rural.

O projeto é executado por uma equipe formada por técnicos da SEMED, primeira proposta, advinda de um pedido da equipe diretiva, foi de que se pudesse falar a respeito da adolescência, de como lidar com adolescentes que “extrapolam”, que “agridem” professores e colegas. Desse modo, na escola A, foi cedido o espaço da reunião pedagógica para a primeira palestra expositivo-participativa com o tema: “Conversando sobre Adolescência e práticas educativas”, a qual foi realizada com professores do sexto ao nono ano, pelo turno da manhã. Os professores do turno da tarde (primeiro ao quinto ano) foram convidados, mas nenhum compareceu, principalmente por trabalharem em outros lugares no turno inverso.

Nessa primeira exposição, todos os professores das séries citadas do turno da manhã participaram. Nesse encontro e nos outros dois subsequentes, foram realizados com a estagiária local de Psicologia e sua colega, estagiária da escola B, na presença além da professora supervisora do estágio. Nesse momento foi discutido como tópico a Adolescência como um período de transição entre o estado infantil e o estado adulto do desenvolvimento, em que o jovem está tentando construir uma identidade adulta (Steinberg,1999). Além disso, foi apresentada a puberdade como coexistindo com a adolescência, período ou etapa de vida como outras do ciclo vital. As características principais deste período foram discutidas a partir da conhecida “síndrome da adolescência normal” (Knobel,1981) e do desenvolvimento (Steinberg, 1999).

Em seguida foram comentados os principais sintomas referidos pelo autor: a busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocalização temporal; a evolução sexual até a heterossexualidade; atitude social reivindicatória; contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; separação progressiva dos pais; constantes flutuações do humor e do estado de ânimo (Knobel, 1981). A partir da discussão dos tópicos, as estagiárias estimularam os professores a identificarem, nos alunos e nos próprios filhos, as características citadas. As participantes compartilharam exemplos e expuseram as dificuldades e alegrias do trabalho e da convivência com adolescentes.

Após estas discussões, as estagiárias trouxeram também em debate como os pais lidam com filhos adolescentes, como os educam e, nesse mesmo aspecto, as profissionais puderam fazer analogias com as práticas educativas dos educadores. Nesse momento, foi discutido a respeito de diversas práticas educativas parentais que podem resultar em estilos parentais de educação. Desse modo, práticas educativas são estratégias utilizadas pelos pais e demais educadores para atingir objetivos específicos tanto acadêmicos, sociais e afetivos sob determinadas circunstâncias e contextos. As estratégias podem incluir utilizando de explicações, punições ou até mesmo recompensas (Shaffer,2005; Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004).

Assim, foram explicadas as duas dimensões pelas quais os pais e demais educadores podem utilizar seu poder para alterar o comportamento dos filhos: a responsividade, que diz

respeito a quanto os pais são sensíveis às necessidades afetivas e materiais dos filhos, e a exigência, que diz respeito a quanto os pais exigem e cobram o cumprimento de regras dos seus filhos. Além disso, as estagiárias explicaram a respeito dos quatro estilos parentais de criação relacionados ao desenvolvimento social, emocionais e intelectuais de crianças e adolescentes (Maccoby & Martin, 1983; Shaffer, 2005).

Assim, o cruzamento das duas dimensões (responsividade e exigência) resulta em quatro estilos parentais propostos por Maccoby e Martin (1983) que são: autoritário, autoritativo/competente, indulgente e negligente/ausente (Ceconello, De Antoni, & Koller, 2003; Shaffer, 2005; Teixeira; Bardagi; Gomes, 2004). Após a explicação desses estilos parentais fez-se uma analogia a respeito de práticas e estilos educativos na escola, questionando os educadores a respeito de como seriam os professores autoritários, os indulgentes, os negligentes e os competentes. A maioria dos professores pôde participar citando exemplos e se identificando com algum estilo parental.

Para evitar a ideia de mera classificação e culpabilização do cuidador ou educador, foi discutido que o desempenho educativo não depende apenas do professor (e dos pais) ser ou agir de determinada forma, mas também das vivências e características pessoais da turma, dos alunos (filhos). Isso demonstra a importância de ser possibilitado ao aluno (adolescente, criança) que experimente novas formas de se relacionar que não apenas com pais negligentes ou autoritários, por exemplo, mas com outras pessoas capazes de serem acolhedoras e firmes na medida certa (Sampaio, 2007; Weber, 2007).

Essa primeira intervenção foi encerrada com resultados avaliados pelos presentes como positivos e um convite da equipe diretiva às estagiárias, para que pudessem ser realizados mais encontros como esses para os professores das séries iniciais e, com todos os professores dos 1º ao 9º ano a respeito da relação professor – aluno. Ao tomarem conhecimento do conteúdo e resultados positivos da palestra, a orientadora educacional e a coordenadora pedagógica do turno da tarde, que não haviam comparecido, pediram que fosse realizado um mesmo encontro pelo turno da tarde.

Inicialmente foram trazidas questões envolvendo o contexto familiar, pelo qual a criança trará para a escola vivências daquele contexto, bem como aspectos constitucionais. Segundo Outeiral e Cerezer (2005) chegando a escola, a criança a perceberá como não apenas um lugar real (espaço físico), mas também como um lugar imaginário, percebendo-a a partir de sua história, seus desejos e medos. Sendo assim, a relação do aluno com a escola e os educadores vai depender não só da visão que este possui da instituição como um todo, mas também será afetada pela significação que os pais dão à escola, aos estudos do filho e à relação deles com os demais alunos (Guzzo, 2002; Outeiral, & Cerezer, 2005).

A escola, por representar um espaço em que a criança e o adolescente vão exercitando os primeiros passos em direção a independência dos pais infantis, sofre pressões. A partir disso, os alunos poderão ter outras relações, que vão superar as perdas desenvolvimentais da dependência mútua entre os pais e seus filhos, que estão

crescendo (Outeiral, & Cerezer, 2005). Assim, as estagiárias problematizaram que a escola e, principalmente, os professores, podem ser recipientes de impulsos, fantasias, emoções e pensamentos que as crianças e os adolescentes têm em relação aos seus próprios pais. É nesse sentido que, amor e agressividade, dirigidos originalmente aos pais, podem ser “transferidos” para os professores, conforme Outeiral e Cerezer (2005).

## REFERENCIAL TEÓRICO

Amaro (1997) reflete que Educadores e Assistentes Sociais compartilham desafios semelhantes, e tem na escola como ponto de encontro para enfrentá-los. Tem-se a necessidade de fazer algo em torno dos problemas sociais que repercutem e implicam de forma negativa no desempenho do aluno e leva o educador pedagógico a recorrer ao Assistente Social.

É importante ressaltar que o profissional de Serviço Social, inserido na escola, não desenvolve ações que substituem aquelas desempenhadas por profissionais tradicionais da área de Educação. Sua contribuição se concretiza no sentido de subsidiar, auxiliar a escola, e seus demais profissionais, no enfrentamento de questões que integram a pauta da formação e do fazer profissional do Assistente Social, sobre as quais, muitas vezes a escola não sabe como intervir.

O Serviço Social é uma profissão que trabalha no sentido educativo de revolucionar consciências, de proporcionar novas discussões, de trabalhar as relações interpessoais e grupais. Assim, a intervenção do assistente social é uma atividade veiculadora de informações, trabalhando em consciências, com a linguagem que é a relação social (MARTINELLI, 1998), que estando frente às mudanças sociais, pode desenvolver um trabalho de articulação e operacionalização, de interação de equipe, de busca de estratégias de proposição e intervenção, resgatando-se a visão de integralidade e coletividade humana e o real sentido da apreensão e participação do saber, do conhecimento. Desta forma, pode-se afirmar:

O campo educacional torna-se para o assistente social hoje não apenas um futuro campo de trabalho, mas sim um componente concreto do seu trabalho em diferentes áreas de atuação que precisa ser desvelado, visto que encerra a possibilidade de uma ampliação teórica, política, instrumental da sua própria atuação profissional e de sua vinculação às lutas sociais que expressam na esfera da cultura e do trabalho, centrais nesta passagem de milênio (ALMEIDA, 2000, p.74).

Nesse sentido, a contribuição que o Assistente Social tem a oferecer dá-se também na atuação em equipes interdisciplinares, no âmbito das quais, os distintos saberes, vinculados às distintas formações profissionais, possibilitam uma visão mais ampliada, e compreensões mais consistentes em torno dos mesmos processos sociais. Assim, o profissional do Serviço Social pode articular propostas de ações efetivas, a partir do resgate da visão de integralidade humana e do real significado histórico-social do conhecimento. Para Amaro (1997), a interdisciplinaridade, no contexto escolar, representa

estágios de superação do pensar fragmentado e disciplinar, resultando-se na idéia de complementaridade recíproca entre as áreas e seus respectivos saberes.

Sabe-se que, é no interior da escola, no cotidiano dos alunos e de suas famílias, que se configuram as diferentes expressões da questão social, como desemprego, subemprego, trabalho infanto-juvenil, baixa renda, fome, desnutrição, problemas de saúde, habitações inadequadas, drogas, pais negligentes, famílias multiproblemáticas, violência doméstica, pobreza, desigualdade social, exclusão social, etc. As demandas emergentes e resultantes da questão social é que justificam a inserção do profissional do Serviço Social, que se insere neste espaço com o objetivo de receber e encaminhar estas demandas. Neste sentido, Iamamoto (1998) afirma:

O desafio é re-descobrir alternativas e possibilidades para o trabalho profissional no cenário atual; traçar horizontes para a formulação de propostas que façam frente à questão social e que sejam solidárias com o modo de vida daqueles que a vivenciam, não só como vítimas, mas como sujeitos que lutam pela preservação e conquista da sua vida, da sua humanidade. Essa discussão é parte dos rumos perseguidos pelo trabalho profissional contemporâneo (IAMAMOTO, 1998, p.75).

Uma segunda maneira de encarar a relação entre a Psicologia e a Educação, acredita que a escola promove o desenvolvimento psicológico. Ou seja, o trabalho realizado dentro das salas de aulas no processo ensino-aprendizagem, favorece o desenvolvimento psicológico em vários aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Assim a psicologia também, aplica à educação e ao ensino, busca mostrar como, através da interação entre professor e alunos, entre os alunos, é possível a aquisição do saber e da cultura acumulados. Portanto papel do professor nesse processo, é fundamental. A Psicologia pode contribuir para o processo escolar com o trabalho do psicólogo orientado para a pesquisa e intervenção, que promova a transformação das relações sociais sobre o mundo cotidiano, ampliando a Zona de Desenvolvimento Proximal dos atores envolvidos para uma ação crítica sobre a realidade (VYGOTSKY, 2010).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do tema proposto, acreditamos que a promoção da saúde do aluno, aluno Portador de Deficiência, professor necessita acontecer, também, na própria escola, entre seus pares, e passa necessariamente por novos modelos de organização e novas iniciativas. É uma questão que não pode ser analisada apenas no nível da individualidade (a qual, não exime a responsabilidade das políticas públicas em viabilizar tal atividade). Trata-se de um estado de conhecimento sabendo que autoconhecimento, na realidade que se me conhecer melhor, me cuidarei melhor e me permitirei. Se me permitir, cuidarei melhor não somente de mim, mas do outro. Temos histórias distintas, mas igualmente importantes, por isso é essencial respeitarmos e aceitarmos as nossas diferenças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um novo dia é sempre uma página em branco, oportunidade que a vida nos dá para escrevermos nossa história com o enredo que escolhermos. Focar em ações individuais positivas possibilita a transformação coletiva. Fazer educação com competência, alegria e sucesso exige formação, cuidados e valorização dos profissionais que prestam um serviço da maior relevância para a sociedade.

Ainda assim, foi uma demanda basicamente da direção e não da totalidade de professores. É importante problematizar o lugar histórico do psicólogo escolar, que focalizava seu trabalho no problema oriundo do aluno. A situação das tentativas iniciais de intervenção no estágio em Psicologia Escolar parece vir de um estranhamento em relação ao imaginário do psicólogo clínico. Um estudo de Neves, Almeida, Chaperman e Batista (2002) mostrou que a maioria dos psicólogos escolares no Brasil ainda segue o modelo médico-clínico ou queixa-se de não conseguir se inserir no ambiente escolar. Ainda que tenha sido sugerida por apenas uma das partes das escolas, considerou-se que a intervenção em grupos de professores, com palestras expositivo-dialogadas, permitiu que se criasse um espaço psicológico, além do físico, para que se percebessem as dificuldades e os potenciais do grupo, bem como para melhorar a comunicação positiva entre a equipe diretiva e os professores assim como internamente em cada grupo. Percebeu-se que palestras expositivo-dialogadas sobre temáticas emergentes nas escolas podem ser um início de comunicação mais aprofundada e de abertura de um espaço para uma intervenção mais efetiva no espaço educacional. Um primeiro passo foi dado. E como disse o poeta Antônio Machado, “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”.

## REFERÊNCIAS

- CATANIA, A. C. (1999). **Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CECCONELLO, A., ANTONI, C., & KOLLER, S. (2003). **Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar**. *Psicologia em Estudo* (Maringá), 8, 45-54.
- COSTA, C., SOUZA, I., & RONCAGLIO, S. (2003). **Momentos em Psicologia Escolar**. 2ª ed. 3ª triagem. Curitiba: Juruá, 2003.
- GUZZO, R. (org). (2002). **Psicologia Escolar: LDB e educação hoje**. São Paulo: Alínea.
- HOFFMAN, M. L. (1975) **Moral, internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction**. *Developmental Psychology*, 11, 228-239.
- HOFFMAN, M. L. (1994). **Discipline and internalization**. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- KNOBEL, M. (1981). **A síndrome da adolescência normal**. In: Aberastury, A.; Knobel, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

LAPO, F. R., & BUENO, B. O. (2003). **Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério.** *Cadernos de Pesquisa*, 118, 65-88.

LAMBORN, S., MOUNTS, N., STEINBERG, L., & DORNBUSCH, S. (1991). **Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families.** *Chil development*, 62, 1049-1065.

LEITE, D. **Educação e relações interpessoais.** In: Patto, M. (1997). *Introdução à Psicologia Escolar*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACCOBY, E. E., & MARTIN, J. A. (1983). **Socialization in the context of the family: Parent- child interaction.** New York: Wiley.

MONTANDON, C. (2005). **As práticas educativas parentais e a experiência das crianças.** *Educação e Sociedade*, 26 (91), 485 – 507.

MARINHO-ARAÚJO, C. M., & ALMEIDA, S. F. C. de (2005). **Psicologia Escolar: Construção e Consolidação da Identidade Profissional.** Campinas-SP: Editora Alínea.

MARTINS, J. (2003) **A atuação do Psicólogo Escolar: Multirreferencialidade, implicação e escuta clínica.** *Psicologia em Estudo* (Maringá), 8(2), 39-45.

NEVES, M., ALMEIDA, S., CHAPERMAN, M., & BATISTA, B. (2002). Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. *Psicologia, ciência e profissão*, 22(2), 2-11.

OUTEIRAL, J., & CEREZER, C. (2005). **O mal-estar na escola.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter.

PATTO, M. (org). (1997). **Introdução à psicologia escolar.** 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SALVADOR, A., & WEBER, L. (2005). **Práticas Educativas Parentais: um estudo comparativo da interação de dois adolescentes distintos.** *Interação em Psicologia*, 9(2), 341-353.

SAMPAIO, I. (2007). **Práticas Educativas Parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização.** *Revista Brasileira Crescimento e desenvolvimento humano*, 17(2), 44-152.

SHAFFER, D. (2005). **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência.** Tradução da 6ª edição norte-americana Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Pioneira.

STEINBERG, L., LAMBORN, S., DARLING, N., MOUNTS, N., & DORNBUSCH, S. (1994). **Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families.** *Chil Development*, 65, 754-770.

STEINBERG, L. (1999). **Adolescence.** Boston: McGraw-Hill.

TEIXEIRA, M., BARDAGI, M., & GOMES, W. (2004). **Refinamento de um instrumento para avaliar Responsividade e Exigência Parental percebidas na adolescência.** *Avaliação Psicológica*, 3(1), 1-12. [ Links ]

WEBER, L. (2007). **Eduque com carinho.** 2ªEd. Curitiba: Juruá